

A infância nos poemas homéricos

The childhood in the Homeric poems

Ana Paula Pinto*

Resumo: Enquanto primeiros documentos literários europeus, a *Ilíada* e a *Odisseia* asseguram na história cultural do Ocidente um estatuto ímpar: assumindo-se desde a Antiguidade como primeiro fundamento de investigação filológica e filosófica, e superior modelo literário e artístico, e hoje tendencialmente interpretadas no enquadramento de um processo de lenta elaboração criativa de gerações de aedos, a partir de uma peculiar técnica de produção e transmissão, ambas articulam numa enigmática trama poética, a partir da sua natureza tradicional, fios de narrativas míticas e realidades históricas que as modernas investigações arqueológicas não deixam de confirmar. Partindo do pretexto poético oferecido pelas duas obras, propomo-nos rastrear as referências ao universo da infância. Umas, genéricas, ocorrem como imagens de um determinado extracto da sociedade humana, marcado por características, funções e necessidades peculiares. Outras, sustentadas em menções concretas a crianças determinadas, assumem na trama mítica dos dois poemas uma específica funcionalidade dramática, que concorre para a peculiar densidade simbólica da narrativa.

Abstract: As the first European literary documents, the *Iliad* and the *Odyssey* ensure in the cultural history of the West a unique status: assuming itself since Antiquity as the first foundation of philological and philosophical research, and superior literary and artistic model, and today tended to be interpreted in the framework of slow creative elaboration of generations of *aedos*, based on a peculiar technique of production and transmission, both articulate in an enigmatic poetic plot, from their traditional nature, threads of mythic narratives and historical realities that modern archaeological investigations confirm. Starting from the poetic pretext offered by the two works, we propose to trace references to the universe of childhood. Some, generic, occur as images of a certain extract from human society, marked by peculiar characteristics, functions and needs. Others, supported by specific mentions of determined children, assume a specific dramatic functionality in the mythical plot of the two poems, which contributes to the peculiar symbolic density of the narrative.

Palavras-chave:

Homero.
Ilíada.
Odisseia.
Infância.
Aedos.

Keywords:

Homer.
Iliad.
Odyssey.
Childhood.
Aedos.

Recebido em: 10/12/2020
Aprovado em: 05/01/2021

* Com licenciatura em Humanidades (1989) e doutoramento (2007) em Literatura Grega, é Professora Auxiliar da UCP (CRBraga), onde lecciona desde 1990 várias unidades curriculares, sobretudo da área dos Estudos Clássicos. É membro integrado do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH) da mesma instituição. Tem privilegiado, na investigação, temas de Língua e Literatura Grega e Latina, Cultura, Religião e Mitologia Clássicas, e sua recepção na Literatura Portuguesa. Tem participado como conferencista e organizado vários encontros científicos internacionais sobre a pervivência de temas e autores da Antiguidade, e publicado vários textos daí resultantes. É Professora Bibliotecária da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, e Secretária da *Revista Portuguesa de Humanidades*, da FFCS.

Homero e a infância da Literatura

Surgindo aparentemente sozinho da neblina misteriosa dos começos, Homero conserva na história cultural do Ocidente um estatuto ímpar: à sua responsabilidade autoral foi atribuída desde a Antiguidade a composição dos primeiros documentos literários europeus, que inauguraram o riquíssimo manancial da Literatura Grega, assumindo-se como superior exemplo para todos os poetas sucessivos, primeiro fundamento de toda a investigação filológica, alvo preferencial de todas as reflexões filosóficas, e inspiração incontornável dos múltiplos âmbitos das artes, não só dentro das fronteiras estreitas da Hélade, mas também nos círculos cada vez mais amplos de influência da cultura grega. Desde que foram conhecidos, a partir do período arcaico, o seu fascínio irradiou de forma tão incomparável, que de um dos pilares fundadores da unidade helénica se converteram na mais genuína matriz da identidade cultural europeia.

Mediadas ao longo dos séculos por aceradíssimas controvérsias, e tendencialmente interpretadas hoje no enquadramento de um processo de lenta elaboração criativa de gerações de aedos, a partir de uma peculiar técnica de produção e transmissão, a *Ilíada* e a *Odisseia* – comungando de equivalente estrutura formal, dos mesmos processos literários, e de equivalente fundo arqueológico e linguístico – articulam numa enigmática trama poética, a partir da sua natureza tradicional, fios de narrativas míticas e realidades históricas que as modernas investigações arqueológicas não deixam de confirmar.

Fundados em similar ideal heróico, ambos os poemas, iniciados num ponto em que a peripécia fundamental se encontra à beira do desenlace, se socorrem do enquadramento narrativo – simultaneamente mítico e histórico – da Guerra de Tróia. A mundividência grega antiga acreditava que Tróia tinha sido o cenário escolhido para se aliviar o peso excessivo da terra, concedida como morada provisória aos infelizes mortais pela leviandade venturosa dos deuses. Movidos por pulsões próprias, e muitas vezes coagidos por forças externas de que apenas imperfeitamente se apercebem, os homens ali desencadeiam, com as suas acções, culpas e misérias, as crises que os precipitam ao encontro da desgraça, e definem, frente à bem-aventurança eterna dos deuses, a fronteira irrevogável das suas limitações mortais. Num cenário de extraordinária violência, a *Ilíada* detalhava como a cólera de Aquiles, ultrajado pela arrogância de Agamémnon, precipita, ao fim de nove anos de cerco, a trágica solução do conflito armado. A *Odisseia*, por seu lado, centrava-se nas tribulações de Ulisses, único guerreiro ausente quando já todos os gregos voltaram, arrastado num périplo desmedido, desde o território saqueado de Tróia, até regressar à pátria e ao amor da família.

A infância nos *Poemas Homéricos*

Neste enquadramento ambivalente de conflito, enquanto oposição de identidades colectivas ou choque de personalidades individuais, chamam particular atenção as referências ao universo da infância.

Algumas, assumindo mero teor de alusões genéricas, transportam para o cenário narrativo a presença referencial das crianças, enquanto representantes de determinado extracto da sociedade humana, quase sempre definido por contraste com o mundo atribulado dos adultos, e marcado por características, funções e necessidades peculiares. Outras, sustentadas em menções concretas a crianças determinadas, dotadas de um nome e de uma história particular, assumem já na trama mítica dos dois poemas uma específica funcionalidade dramática, que concorre para a peculiar densidade simbólica da narrativa.

Alusões genéricas à infância

No primeiro grupo de alusões genéricas, a presença das crianças anónimas tende a evidenciar-se nos testemunhos discursivos dos adultos, sobretudo guerreiros, que os evocam contrastivamente no enquadramento de uma particular fragilidade,¹ a exigir vigilante protecção. Atravessa todo o universo poético homérico, e em particular o bélico, da *Ilíada*, essa atormentada consciência colectiva, que todo o guerreiro traz interiormente inscrita como motivação maior, do extremo desamparo das crianças,² face a todos perigos, mas em particular aos impostos pelo violento assédio dos inimigos. Repetem-se à exaustão, nesse sentido, os desabafos de inquietação pela vida

¹ Em oposição à autonomia e robustez (física e anímica) requerida como atributo elementar na *aristeia* do guerreiro, a criança pequena figura a fragilidade total do ser que depende exclusivamente dos outros para viver e se defender, que tem medo e exige o colo e o carinho da mãe, a protecção vigilante dos outros para corrigir as imprudências quotidianas, e a defesa responsável do pai para lhe garantir um futuro tranquilo. É, além disso, na escala dos seres humanos, o mais completamente irresponsável, ignorante dos perigos, e indiferente às exigências da vida, nomeadamente às impostas pelo contexto da guerra.

² Muitas vezes, a fórmula discursiva, que tende a privilegiar a figura dos filhos pequenos, engloba ainda as das esposas (às vezes sem alusão à existência de filhos: Hom., *Il.*, VIII, 165-66; Hom., *Il.*, XVII, 36; Hom., *Il.*, XVII, 208; Hom., *Il.*, XVIII, 265). A par da preocupação dos pais com os filhos, recorre também, em regime de reciprocidade, a dos filhos com os pais (e.g. Hom., *Il.*, XIII, 644-45; Hom., *Il.*, XV, 663; XXII, 338; Hom., *Il.*, XXII, 420; Hom., *Il.*, XXIV, 371), particularmente se idosos: neste sentido se interpreta a censura de Heitor ao irmão Alexandre, que, roubando a mulher de um estrangeiro, se tornou flagelo do pai (Hom., *Il.*, III, 38-48), e também se compreende a inesperada caridade do inflexível Aquiles para com Príamo. De notar que, relativamente aos filhos em perigo, muitas vezes o discurso poético se aproxima da perspectiva da mulher que os gerou e amamentou (nomeadamente a da ama, que na *Odisseia* assume peculiar relevância): cfr. Hom., *Il.*, XXII, 79-83; Hom., *Il.*, XXII, 353; Hom., *Il.*, XXIV, 58; XXIV, 210; Hom., *Od.*, I, 435; Hom., *Od.*, II, 131; Hom., *Od.*, III, 95; Hom., *Od.*, IV, 325; Hom., *Od.*, VII, 12; Hom., *Od.*, XIX, 353-55; Hom., *Od.*, XIX, 482-483; Hom., *Od.*, XXIV, 293.

e segurança das mulheres e crianças pequenas,³ não só entre os Troianos, mas também entre os seus aliados, e os opositores, que não deixam de recluir o destino daqueles que deixaram indefesos na pátria longínqua. A este título, ocorre como peculiarmente tocante a visão profética com que Príamo, patriarca de uma prole hiperbolicamente numerosa,⁴ avassalado pela intuição do luto, tenta afastar da fatalidade do combate Heitor, o mais bravo e nobre dos filhos,

Além disso, tem pena de mim, um desgraçado que ainda sente;
Um malfadado, a quem o pai Crónida na soleira da velhice
Matará com um triste destino, depois de ter visto muitos horrores:
Os meus filhos a morrer, minhas filhas a serem arrastadas,
Minhas câmaras de tesouro pilhadas e crianças inocentes
A serem atiradas ao chão em aterradora chacina
E as minhas noras arrastadas pelas mãos funestas dos Aqueus.
A mim próprio, por último, às portas primeiras dilacerarão
os cães esfomeados, depois de alguém pelo bronze afiado
com estocada ou arremesso me privar da vida - os cães
que no palácio eu criei à minha mesa para me guardarem as portas:
depois de em estado de loucura terem bebido o meu sangue
zazerão aos meus portões (Homero, *Il.*, XXII, 59-71).

O tema da protecção a mulheres e crianças pequenas, recurso retórico eficaz dos chefes para estimular o ânimo desalentado das tropas,⁵ reiterado como um vector de sentido ao longo dos Poemas, ocorrerá dramaticamente figurado nas personagens concretas de Escamândrio, o pequeno filho de Heitor, a quem os Troianos tributaram, pela especial *aristeia* do pai, o nome honorífico de Astíanax (*defensor da cidade*) na *Ilíada*,⁶ e de Telémaco, coagido a crescer inseguro entre inimigos na ausência do pai, na *Odisseia*: na moldura complementar dos dois poemas, cada um dos meninos, Astíanax e Telémaco,

³ Hom., *Il.*, II, 136; *Il.*, V, 480 e 688; Hom., *Il.*, VI, 95, 276, 310 e 366; Hom., *Il.*, VIII, 56-57; Hom., *Il.*, X, 422; Hom., *Il.*, XI, 394; Hom., *Il.*, XV, 496; Hom., *Il.*, XV, 663; Hom., *Il.*, XVII, 223; Hom., *Il.*, XXI, 587; Hom., *Il.*, XXII, 63; Hom., *Il.*, XXIV, 730; Hom., *Od.*, IX, 199; Hom., *Od.*, XII, 42; XVII 433. Em Hom., *Il.*, IV, 236 a fórmula configura a ameaça de Menelau contra os troianos perjuros.

⁴ Notar que a especial fortuna de um pai com muitos filhos, amplamente reconhecida na mundividência antiga, pode transfigurar-se em contexto de guerra numa muito excepcional tragédia: Príamo é precisamente o pai idoso que perde muitíssimos filhos, e vê os mais valorosos adiantarem-se fatalmente na morte ("Mas eu sou totalmente amaldiçoado, que gerei filhos excelentes/ na ampla Tróia, mas afirmo que deles não me resta nenhum", Hom., *Il.*, XXIV, 493-494). Por comparação, na *Odisseia*, o tema da descendência única, que empresta especial dramatismo à experiência vital de Ulisses, como à do pai Laertes e do filho Telémaco, todos fadados a afrontarem dificuldades e multidões de inimigos na mais pungente solidão, se prestará no final do poema a uma leitura simbólica de particular optimismo.

⁵ Cfr. Hom., *Il.*, XV, 496 (Heitor aos Troianos) e Hom., *Il.*, XVII, 223 (Zeus como Heitor aos aliados); Hom., *Il.*, II, 136 (Agamémnon aos Gregos); XV, 663 (Nestor aos Gregos). Em IX, 594, a alusão aos sofrimentos das crianças e das mulheres, arrastados como escravos pelos vencedores, no cenário de guerra, é usada como argumento persuasivo pela esposa de Meleagro, na longa narrativa intradiagética (Hom., *Il.*, XI, 527-599) de Fénix a Aquiles; sintomaticamente, esta narrativa exemplar da desgraça que quase se abateu sobre os Etólios, fruto da obstinação de Meleagro, ocorre como o último trunfo com que Fénix procura vencer a inflexibilidade de Aquiles, depois de em vão ter tentado demovê-lo com evocações da sua infância em Ftia, aos cuidados amorosos do pai Peleu e do tutor Fénix, o autor da elocução presente.

⁶ Cfr. Hom., *Il.*, VI, 402-03.

emprestará concretamente à figuração anónima da infância, peculiarmente visada em cenários de guerra, a densidade humana, profundamente trágica, do mais frágil dos seres que se arrasta sobre a terra.⁷

A evocação das peculiares debilidades das crianças (medo, ingenuidade, ignorância, imprudência) tende ainda a ocorrer, como mecanismo de censura ou exortação, em múltiplas manifestações discursivas das personagens, que condenam aos próximos atitudes desajustadas, ou os convidam a assumir condutas mais consentâneas com a idade. Assim, num discurso a Agamémnon, Ulisses compara a perturbação dos Aqueus, desejosos de regressar à pátria, com a das crianças chorosas ou viúvas (Hom., *Il.*, II, 289); também Nestor, empenhado no mesmo esforço de persuasão, repreende a conduta das tropas, indiferentes aos sucessos da guerra como as crianças pequenas (Hom., *Il.*, II, 337-38); Heitor garante a Ajax que não se deixa intimidar como um rapazinho franzino ou uma mulher (Hom., *Il.*, VII, 235), e insulta Diomedes no campo de batalha, incentivando-o a fugir como uma menina medrosa (Hom., *Il.*, VIII, 164); Diomedes não poupa a injúria a Páris, que acabara de o ferir com a insídia de uma seta, apostrofando-o de “vaidoso, e sedutor de virgens” (Hom., *Il.*, XI, 385) e comparando a sua efémera glória militar à de uma mulher ou de uma criança tonta (Hom., *Il.*, XI, 389); Idomeneu censura a loquacidade de Meríones, recomendando que não se estendam tanto na conversa como se fossem crianças (Hom., *Il.*, XIII, 292). Particularmente significativa, até pelo seu tom profético, é a cena em que Aquiles, surpreendendo comovido as copiosas lágrimas de Pátroclo, que regressa do acampamento, o provoca ternamente com a notação de que parece uma menina pequena, a procurar chorosa o colo da mãe (Hom., *Il.*, XVI, 7-11); sem comportar verdadeira censura à conduta do amigo,⁸ a comparação parece antes indiciar a intuição imediata, legitimada pela afeição dos interlocutores, que Aquiles teria tido das mais profundas intenções de Pátroclo na aproximação. No contexto de um mesmo duelo, depois de Aquiles censurar a imprudência de Eneias, mais arraigada que a das crianças, que ao menos reconhecem o facto consumado (Hom., *Il.*, XX, 198), este garante que não se deixará assustar como uma criança (Hom., *Il.*, XX, 201), e insiste na necessidade de não desperdiçarem com palavras infantis a oportunidade do combate (*Il.*, XX, 211; XX, 244);⁹ também Heitor lembrará a Aquiles que não se deixa assustar com palavras como uma criança (Hom., *Il.*, XX, 430-31). Em *Il.*, XXI, 282, Aquiles lamenta o impasse que vive, arrastado pela corrente do Escamandro, como um rapazinho tratador de porcos, que

⁷ Cfr. Hom., *Od.*, XIX, 130 ss.

⁸ Entre os heróis homéricos, é recorrente e legítimo o pranto, várias vezes traduzida pela comparação do choro do guerreiro com uma fonte que jorra copiosamente; com tal símile se iniciara, aliás, este canto (cf. Hom., *Il.*, XVI, 3-4).

⁹ Ou como mulheres que se insultam: Hom., *Il.*, XX, 252 ss.

tivesse tentado imprudentemente atravessar no Inverno a corrente de um rio. De forma indirecta, a manifestação de revolta de Ájax contra o sucesso de Ulisses, apoiado por Atena, na prova de corrida, socorre-se também desta analogia da criança a quem uma mãe constantemente auxilia (Hom., *Il.*, XXIII, 783).

Por vezes, o mesmo registo permeia o discurso indirecto do narrador heterodiegético, quando nota, por exemplo, que nem perante a retaliação de Eneias, que ocorre a defender o cadáver do cunhado Alcátoos, o terror se apossa de Idomeneu como de um rapaz mimado (*Il.*, XIII, 470).

Em equivalentes contextos, na *Odisseia* Menelau censura como tolices de criança as dúvidas do escudeiro Eteoneu sobre o acolhimento aos hóspedes inesperados (Homero, *Od.*, IV, 32); e Nausícaa assegura ainda a Ulisses que o caminho para o palácio paterno é tão fácil, que até uma criança o poderia até lá guiar (Hom., *Od.*, VI, 301). O desespero de Penélope, a desabafar o receio pela imaturidade infantil do filho, que nada sabe das ocupações dos homens (Hom., *Od.*, IV, 818), ecoa, de resto, na narrativa da *Odisseia*, a consciência da dramática transição que Telémaco foi obrigado a viver, por determinação fatal privado desde a mais tenra infância da figura paterna, e criado num clima mórbido de insegurança; a percepção magoada dessa traumática infância passada, a aflorar constantemente no seu discurso autobiográfico,¹⁰ motiva discursivamente as carinhosas exortações dos adjuvantes.¹¹

Ainda no âmbito das referências genéricas, assumem relativa projecção as evocações da infância nas estruturas recorrentes dos símiles. Expedientes ornamentais do reportório tradicional da épica, estruturados por meio de comparações de média ou grande amplitude, que têm por entidade enunciadora o narrador extradiegético, os símiles recorrem em momentos de peculiar intensidade dramática, sobretudo quando se agudizam as incertezas do combate,¹² permitindo ao poeta criar pausas descritivas que atenuem a violência da

¹⁰ Hom., *Od.*, II, 313; XVIII, 229; XIX, 19; XX, 310; veja-se também a memória da mãe, e.g. Hom., *Od.*, XIX, 530.

¹¹ E.g., Atena-Mentes, em Hom., *Od.*, I, 297.

¹² Assim, por exemplo, depois de no início do canto XV da *Ilíada* Zeus acordar do sono em que o mergulhou o ludíbrio de Hera, e proibir os deuses de se imiscuirem nas questões humanas, o ângulo de perspectivação poética desce do Olimpo ao lodo triste da terra: a violência sem tréguas com que Aqueus e Troianos combatem justificará, pois, o excepcional multiplicar de dez símiles próximos, nos quais se aproximam os esforços dos angustiados heróis às manobras instintivas dos animais. Em Hom., *Il.*, XV, 237-38, Apolo desce do Ida como um célere falcão matador de pombas; em Hom., *Il.*, XV, 263-68, Heitor recobra as energias, como um cavalo saciado; em Hom., *Il.*, XV, 271-80, o impulso dos Dânaos contra os Troianos aproxima-se ao dos cães e lavradores a perseguirem um veado ou um bode selvagem, apenas forçados a retirar pela súbita aparição de um leão; em Hom., *Il.*, XV, 323-27, aterrorizados por Apolo, os Aqueus assemelham-se a bois e ovelhas perseguidos por duas feras; em Hom., *Il.*, XV, 579-81, depois de matar Melanipo, Antíloco lança-se a ele como um cão sobre um gamo ferido por um caçador; em Hom., *Il.*, XV, 586-89, perseguido de perto por Heitor, Antíloco foge como a fera selvagem que, depois de matar cão ou boieiro, se acobarda perante a multidão; em Hom., *Il.*, XV, 592 ss, os Troianos lançam-se contra as naus como leões carnívoros; em Hom., *Il.*, XV, 630-35, Heitor atira-se aos inimigos como o leão a bois que pastam na fundura de um pantanal; em Hom., *Il.*, XV, 679-80 Ájax é comparado à agilidade de um cavaleiro, que se exhibe saltando alternadamente para o dorso de cada um de quatro cavalos; em Hom., *Il.*, XV, 690-

narração, e simultaneamente aquietem, pelo seu colorido poético e pela familiaridade dos elementos propostos, o imaginário do auditório. Muito mais frequentes na *Ilíada*, os símiles também ocorrem, com estruturas semelhantes, na *Odisseia*.¹³

Não correspondendo aos padrões analógicos mais frequentes,¹⁴ surgem aqui várias vezes analogias semanticamente estruturadas pela evocação da figura das crianças.

Umam ocorrem semanticamente sustentadas pelo natural vínculo de afecto das crianças com as mães: assim, quando, por ingerência divina Pândaro desfere contra Menelau uma seta, o poeta nota que Atena pressurosa a afasta do alvo, como uma mãe repele do filho adormecido uma mosca importuna (Hom., *Il.*, IV, 130-131);¹⁵ ao descrever a estratégia bélica concertada do jovem Teucro e do meio-irmão Ájax, que o protege com o escudo enquanto aquele lança as flechas, o poeta também evoca o movimento da criança, que se acolhe à atenção protectora da mãe (Hom., *Il.*, VIII, 271-72). A comparação do choro de Ulisses ao da viúva que se lança sobre o cadáver do marido que já não poderá defendê-la a ela e aos filhos, em Hom., *Od.*, VIII, 523 ss, ecoa, no enunciado do narrador, o mesmo desespero que sobretudo na *Ilíada* os guerreiros formulam projectivamente, em primeira pessoa.¹⁶ Como variação de equivalente espectro semântico, a envolver indirectamente a figura das crianças, ocorre ainda o símile em que se evocam as dores da parturiente (Hom., *Il.*, XI, 267-72), a pretexto do ferimento de

94, Heitor assemelha-se à águia que arremete contra aves marinhas, grous, gansos ou cisnes. A par destes primeiros dez, recorrem ainda outros seis, que remetem para o contexto das forças da natureza: Hom., *Il.*, XV, 360-65; Hom., *Il.*, XV, 381-89; Hom., *Il.*, XV, 410-13; Hom., *Il.*, XV, 605-06; Hom., *Il.*, XV, 618-22; Hom., *Il.*, XVI, 623-30.

¹³ *E.g.*, Hom., *Od.*, IV, 335-340; Hom., *Od.*, IV, 791-794; Hom., *Od.*, VI, 130-35; Hom., *Od.*, X, 410-417; Hom., *Od.*, XII, 413-414 e 418-419; Hom., *Od.*, XIII, 81-87; Hom., *Od.*, XVI, 216-18.

¹⁴ As mais frequentes cenas são aquelas em que protagonizam, com grande expressividade dramática, os animais, sobretudo selvagens, a dizimar ou a encurralar em manobras de depredação vítimas acoçadas; quase sempre o guerreiro atacante é representado como um leão e o perseguido como um animal indefeso e tímido (ou doméstico, como o boi ou a ovelha, ou selvagem, como o veado ou a corça, ou a cria indefesa); se a personagem não age, mas medeia a acção, é comparada a um caçador que atíça (Hom., *Il.*, XI, 292-93); se está em posição defensiva, assemelha-se a um javali (Hom., *Il.*, XI, 324-25; Hom., *Il.*, XI, 414-420; Hom., *Il.*, XII, 541-50; Hom., *Il.*, XIII, 470-76; Hom., *Il.*, XVII, 281-88). Num segundo grupo, recorrem também cenas que descrevem com requintado colorido manifestações portentosas da natureza, tempestades, ventos uivantes, turbulências marítimas, avalanches, e prodígios equiparados. Há um terceiro e também notável grupo de símiles em que figuram como pontos de comparação actividades domésticas e artesanais, como a tinturaria (Hom., *Il.*, IV, 140 ss), a cocção (Hom., *Il.*, XXI, 362-63), a caça (Hom., *Il.*, X, 353-60; Hom., *Il.*, XV, 579-81; Hom., *Il.*, XVII, 133-37), a pastorícia (Hom., *Il.*, III, 23-36; Hom., *Il.*, IV, 275-79; Hom., *Il.*, V, 136-2; Hom., *Il.*, V, 554-58; Hom., *Il.*, VIII, 338 ss; Hom., *Il.*, X, 183 ss; Hom., *Il.*, X, 485 ss; Hom., *Il.*, XI, 548-55; Hom., *Il.*, XIII, 491-94; Hom., *Il.*, XV, 630-35; Hom., *Il.*, XVI, 352-57; Hom., *Il.*, XVII, 4-6; Hom., *Il.*, XVIII, 160-63; Hom., *Il.*, XXIII, 845-47) e a ordenha (Hom., *Il.*, IV, 433-35), os trabalhos agrícolas (*Il.*, XX, 495-502; Hom., *Il.*, XIII, 653-55; Hom., *Il.*, XIII, 703-08), a recolha de lenhas (Hom., *Il.*, XVI, 633, Hom., *Il.*, XIII, 114 ss e Hom., *Il.*, XXIII, 315), a carpintaria naval (Hom., *Il.*, XV, 410 ss, e Hom., *Il.*, XVI, 482-84), a pesca (Hom., *Il.*, XVI, 404-19; Hom., *Il.*, XXIV, 80; Hom., *Od.*, X, 124, Hom., *Od.*, XII, 251-55) e a caça de ostras (Hom., *Il.*, XVI, 742-50), as competições atléticas (Hom., *Il.*, XXII, 157-61).

¹⁵ O excepcional dramatismo da cena está, de resto, renunciado pelo raro artifício da invocação directa do poeta à personagem humana de Menelau, em Hom., *Il.*, IV, 127.

¹⁶ Também em *Od.*, V, 394 ss se compara ao alívio de Ulisses, que vê depois de longos dias de deriva e naufrágio a terra firme, o dos filhos que reconhecem no pai flagelado por uma longa doença os primeiros sinais de melhoria.

Agamémnon em combate; outra alusão indirecta às crianças surge em Hom. *Il.*, XII, 432-436, quando, a propósito das hostilidades intermitentes de Troianos e Aqueus, o poeta alude ao incansável esforço da fiandeira, que pesa e ajusta nos pratos da balança a lã, empenhada em garantir para os filhos o magro sustento. Paralelos a estes, ocorrem no universo poético, particularmente frequentes, outros símiles estruturados sobre imagens da natureza animal, que demonstram a peculiar relação de afecto, e de dependência, entre crias e progenitores.¹⁷

Um segundo conjunto de símiles evoca a irreflectida imprudência das brincadeiras das crianças. Assim, quando descreve a *aristeia* de Ajax, a proteger das violentas hostilidades troianas o muro defensivo do acampamento aqueu, o poeta conota a teimosa obstinação do guerreiro, aproximando-a à de um burro seviciado pelas pauladas das crianças (Hom., *Il.*, XI, 558-65).¹⁸ De forma equivalente, carrega-se de dramatismo o momento em que Zeus, momentaneamente enganado pelas seduções de Hera, decide inverter no campo de batalha os sucessos guerreiros dos Aqueus, apoiando o ataque troiano; na excepcional sequência de símiles,¹⁹ o espezinhar do muro defensivo grego pelas milícias troianas, apoiadas pelas ingerências de Apolo, compara-se à alegria inconsequente das crianças, que derrubam à beira-mar as mesmas construções que se divertiram a conceber (Hom., *Il.*, XVI, 360-66). Em semelhante contexto recorrerá ainda, a propósito do almejado regresso dos Mirmidões ao cenário da batalha, uma analogia com as vespas que, atormentadas pela crueldade imponderada das crianças, junto de um caminho, atacam depois um transeunte incauto (Hom., *Il.*, XVI, 257-67).²⁰

¹⁷ E.g. o portento manifestado em Áulis com o pardal cujas crias foram devoradas por uma serpente, Hom., *Il.*, II, 305-30; os Troianos, como as ovelhas que balem, ao ouvir as vozes dos cordeiros, Hom., *Il.*, IV, 434-35; os dois filhos gémeos de Díocles, abatidos por Eneias, e o luto do pai, comparados às crias de leão alimentadas nas grutas pela mãe, Hom., *Il.*, V, 540 ss: a resistência inútil dos troianos frente ao Aqueus, comparada à da corça, que tenta resistir ao leão que lhe esmaga as crias inocentes, Hom., *Il.*, XI, 113; Leonteu e Polipetes, comparados com as vespas que defendem a progénie, Hom., *Il.*, XII 170; os Mirmidões, comparados com as vespas a protegerem as crias dos ataques das crianças; Hom., *Il.*, XVI, 265; Menelau e Ajax, a protegerem o cadáver de Pátroclo, comparados respectivamente com uma vaca que deu à luz pela primeira vez, de roda da vitela com lamentosos mugidos, Hom., *Il.*, XVII, 5; e com o leão de roda das suas crias, Hom., *Il.*, XVII, 133; sofrimento de Aquiles pela morte de Pátroclo, assemelhado com o do leão a quem arrebatarem as crias, Hom., *Il.*, XVIII, 319; Ulisses, comparado com águia, vinda da montanha, onde nasceu e deixará descendência, Hom., *Od.*, XV, 173-74, e com o leão que dizima as crias que a corça deixou indefesas, Hom., *Od.*, XVII, 126 ss, Ulisses, que protesta interiormente a sua indignação, como a cadela que ladra ao pé dos seus cachorros, Hom., *Od.*, XX, 14.

¹⁸ Uns versos antes, em *Il.*, XI, 548-557, tinha comparado o herói a um leão; a sequência dupla de símiles parece intencionalmente combinar, nos seus traços semânticos, a expressão da personalidade dúplice do herói, corajoso como um leão, e obstinado como um burro; em simultâneo, os esforços ineficazes das crianças imprudentes evocam o insucesso militar dos troianos, incapazes de vencer a resistência de Ajax.

¹⁹ *Vd. supra*, nota 11.

²⁰ Em Hom., *Il.*, XVII, 726, comparam-se os Troianos, decididos a arrebatar aos companheiros o cadáver de Pátroclo, com os cães acicatados por jovens, a investirem contra um javali ferido.

Particularmente expressiva nos ocorre a notação de que, na descrição do escudo criado por Hefesto,²¹ a pedido da lacrimosa mãe Tétis, para que Aquiles possa regressar ao combate – que o poeta concebe como uma deslumbrante imagem do mundo (Hom., *Il.*, XVIII, 478-608), a criança marca também incontornavelmente a sua presença (Hom., *Il.*, XVIII, 514 e 555).

Menções de crianças definidas

Mais importantes do que as referências genéricas parecem ser aquelas que se socorrem de referências concretas a crianças determinadas, dotadas de um nome e de uma história. A maior parte ocorre em analepses discursivas (de um narrador auto, homo ou heterodiegético), que, retomando um nexos temporal do passado, convocado à memória, revisitam pela sua peculiar relevância narrativa e simbólica o período da infância de uma personagem adulta; excepcionalmente ocorrem, muito mais raras no universo ficcional da épica – centrado no drama das vivências dos adultos em conflito – mas também muito mais intensas pelo seu espectro simbólico, as referências em que determinada criança assume na trama narrativa, de forma síncrona, enquanto esta decorre, a função de verdadeiro actante, e a acção ganha densidade trágica a partir dessa perspectiva da radical fragilidade da criança.²²

²¹ Na representação artística do escudo, que Hefesto lavra artisticamente para Aquiles (Hom., *Il.*, XVIII, 478-608), figura, com efeito, uma excelente síntese de toda a cartografia poética homérica: estão representadas duas cidades, uma em contexto de paz, e outra de guerra; na da guerra, dois exércitos sitiavam a cidade, e das muralhas as mulheres angustiadas, com os filhos pequenos (Hom., *Il.*, XVIII, 514), acompanham o desenrolar das batalhas, enquanto também decorrem incursões de pillagem de gado; ao lado representam-se os pacíficos trabalhos de lavoura e pastorícia; entre os jornaleiros das propriedades régias, afadigam-se ainda rapazinhos, a recolher e carregar as paveias (Hom., *Il.*, XVIII, 555), e a preparação de um sacrifício; leões espreitam o gado, atacam, e são perseguidos por homens e cães; somam-se por fim dançarinos sobre uma pista, e acrobatas e, na moldura exterior, o oceano.

²² Nesta peculiar esfera semântica ocorrem, como notações expressivas, os episódios em que pais dedicados se atribulam a proteger ou a resgatar de perigos os filhos, já adultos, mas relativamente aos quais um vínculo não esmorecido de afecto justifica o esforço protector. Podem enunciar-se as diligências de Crises por Criseida (Hom., *Il.*, I 20 *et seq.* e 441 *et seq.*); Mérops por Adrasto e Ânfió (Hom., *Il.*, II, 832-33); Licáon por Pândaro (Hom., *Il.*, V, 197 *ss*); Hipóloto por Glauco (Hom., *Il.*, VI, 207); Peleu por Aquiles (Hom., *Il.*, IX, 252 *ss*); Menécio por Pátroclo (Hom., *Il.*, XI, 765; Hom., *Il.*, XI, 785); Neleu pelo jovem Nestor (Hom., *Il.*, XI, 717 *ss*). Renovando o esquema expressivo de especularidade, também os deuses Olímpicos se afadigam a proteger os descendentes, como testemunham as diligências de Tétis em favor de Aquiles (Hom., *Il.*, I, 351 *ss*, Hom., *Il.*, XVIII, 35 *ss*; Hom., *Il.*, XVIII, 429); de Afrodite por Eneias (Hom., *Il.*, IV, 11 *ss*; Hom., *Il.*, V, 311 *ss* e Hom., *Il.*, V, 376-378), Zeus por Sarpédon (Hom., *Il.*, V, 662). Na mesma linha entram os episódios, permeados de uma fina ironia, em que alguns deuses se comportam como crianças mimadas, a exigirem, lacrimosos, a condescendência paterna (Afrodite em Hom., *Il.*, V, 359 *ss* e Hom., *Il.*, V, 370-430; Ares em Hom., *Il.*, V, 867-899; e Ártemis em Hom., *Il.*, XXI, 506).

Referências por analepses

No primeiro grupo de referências, as mais indirectas destas alusões ocorrem como mecanismo regular da enunciação épica no uso generalizado dos patronímicos, que praticamente todos as personagens épicas detêm.²³ As fórmulas epítéticas do patronímico associam a um proveito estritamente técnico um produtivo halo simbólico: por um lado, são utilizados pelo poeta como recursos tradicionais – que permitem ampliar a extensão do nome próprio, e ajustá-lo de forma cómoda a segmentos específicos do hexâmetro dactílico, de modo a articulá-lo eficazmente com outras fórmulas fixas do enunciado sintagmático; por outro, configurando um mecanismo poético de aludir indirectamente ao momento original da concepção mortal, isto é, da primeira infância de cada personagem épica. Na verdade, materializando um notável cuidado de construção dramática, os títulos patronímicos veiculam na poesia arcaica a convicção de que cada homem²⁴ é um elo de uma cadeia, inscrito num devir que começa muito antes do seu nascimento individual, e o liga visceralmente aos pais, aos avós e aos múltiplos antepassados que o precederam,

²³ Não só os mais relevantes (como Aquiles Pelida, Ulisses Laertida, Agamémnon e Menelau Atridas, Pátroclo Meneciades, Nestor filho de Neleu, Diomedes Tidida, Idomeneu filho de Deucalião, Esténelo filho de Capaneu, Euríalo filho de Mecisteu, Meríones filho de Molo, Ájax e Teucro filhos de Télamon, Ájax filho de Oileu, Agapenor filho de Anceu, Meges filho de Fileu, Podalírio e Macáon Asclepiades, Eurípilo filho de Evémom, Toas filho de Andrémon; Enipeu filho de Tebeu, Tlepólemo filho de Hércules; Príamo Laomedontida, Heitor e Heleno Priamidas, Eneias filho de Anquises, Pândaro, filho de Licáon, Sarpédon filho de Zeus), mas até aqueles que passam efemeramente no fluxo poético, e os mais ignóbeis dos homens, como Dólon, filho de Eumedes (Hom., *Il.*, X, 314), e Melanteu e Melântio, filhos de Dólio (Hom., *Od.*, XVII, 212; XVIII, 322). Nos casos em que as personagens têm natureza semidivina, a formulação patronímica, que privilegia a referência patrilinear, pode acrescentar, numa breve indicação, através de uma oração relativa epexeagética, o parente divino (*e.g.*, Aquiles filho de Peleu, que uma mãe imortal gerou, Hom., *Il.*, X, 404; Hom., *Il.*, XVII, 78; Hom., *Il.*, XX, 104 ss; Eneias, que a divina Afrodite gerou para Anquises, Hom., *Il.*, II, 820; Hom., *Il.*, V, 313; Hom., *Il.*, XX, 104 ss); ao contrário do patronímico, que tem uma funcionalidade técnica, esta informação, do conhecimento do público, por ser elemento fundamental do repositório mítico (posteriormente muito explorado pelo minudente afã pormenorizador nos restantes poemas do Ciclo Épico), não tende a ser repetida. Também às mulheres, naturalmente, se introduzidas na trama narrativa com relevo diegético, é atribuída a notação genealógica (Helena filha de Zeus, Penélope filha de Icário; veja-se ainda a notação anterior relativa a Melantô). Corroborando a sua natureza muito arcaica, enquadrada num tipo primitivo de enunciado catalogico, o *Catálogo das Naus*, da *Ilíada* (Hom., *Il.*, II, 485 ss) evidencia o recurso obsidiante ao patronímico e à narrativa genealógica.

²⁴ Podemos notar que os primitivos mitos de sucessão testemunhados na poesia hesiódica e em múltiplas das narrativas míticas antigas aplicam o mesmo mecanismo semântico à natureza dos seres divinos, surgidos por processos geracionais sucessivos. Como reflexo de um recorrente mecanismo de reprodução especular, na esfera olímpica, das ocupações e atitudes das sociedades humanas (com paralelismos não só em cenas de conversação familiar, debate em assembleia, vestir e calçar, banhar, dormir e partilhar cama, estabelecer laços afectivos e seus desvios, dividir refeições e receber ou despedir hóspedes, viajar, anunciar e profetizar, providenciar a si mesmo cuidados e vaidades corporais, aplicar-se em ofícios profissionais e nas actividades militares, como o apetrechar-se de armas ou lutar), o poeta não deixará, pois, de detalhar as vinculações familiares dos deuses, monstros e seres extraordinários, e os dramas afectivos que se colocam aos pais na defesa dos filhos: a par dos dramas dos deuses com filhos mortais, como Tétis, mãe de Aquiles, e Zeus, pai de Sarpédon, na *Ilíada*, o apelo do Ciclope sanguinário, moverá na *Odisseia* a perseguição mais determinada de Poséidon a Ulisses; as três histórias, ressurgindo com incomparável força dramática, fundamentam linhas narrativas de grande relevância nos dois poemas. Como extensão natural desta esfera de sentido, também regularmente a referência poética aos deuses vem cumulada de notações patronímicas e genealógicas; na base desse mecanismo permanece o facto de a Zeus se tributarem com regular frequência os epítetos de “Pai”, e “Pai dos homens e dos deuses”. Para a análise circunstanciada dos epítetos dos deuses maiores, *vd.* Pinto (2017).

como também aos vindouros a quem potencialmente ou de facto deixará um dia a sua herança – genética, material, e espiritual. Cada um dos infelizes mortais está, pois, fatalmente convocado a surgir um dia entre a mole imensa das gerações dos homens, tão numerosas como as folhas das árvores, “[...] os mortais, esses desgraçados, que como as folhas ora estão cheios de viço e comem o fruto dos campos, ora definham e morrem” (Hom., *Il.*, XXI, 463-466),²⁵ e a cair, depois, como elas, triste, sobre o lodo triste da terra.

O enunciar da filiação²⁶ e o uso do epíteto patronímico ocorrem, pois, como um notável procedimento poético de que tira partido não só o poeta, pressionado pelas peculiares circunstâncias da sua arte compositiva, mas até, na trama narrativa, as personagens épicas, que dele se socorrem para se identificarem, registando publicamente a afirmação do seu património individual de honra, não só se convocados a apresentarem-se, mas também como regular meio de ostentação de mérito, no campo de batalha.²⁷ A par dos enunciados eufóricos em que o guerreiro se vangloria, em primeira pessoa, das suas origens, intentando intimidar com elas o opositor, recorre também, quase sempre da responsabilidade enunciativa do narrador, em terceira pessoa,²⁸ a amarga melancolia de testemunhos que detalham a linhagem, nascimento e primeira infância dos homens que, empenhando na incerteza dos combates a vida, muito em breve hão-de jazer, abatidos, sobre a terra.²⁹ Muitas vezes associadas às figuras dos guerreiros jovens, elas prestam-se naturalmente a convocar à memória do poeta e do auditório como especiais alvos do sofrimento, os pais a quem o luto irá marcar,³⁰ e com maior perplexidade aqueles que,

²⁵ O melancólico símile que aproxima os homens às folhas das árvores - numerosas e efémeras - é reiterado noutros passos da épica homérica (e.g.: Hom., *Il.*, II, 468; Hom., *Il.*, II, 800; Hom., *Il.*, VI, 146 ss; Hom., *Od.*, IX, 51).

²⁶ Muitas vezes, o nome próprio surge já como derivação patronímica (e.g. Criseida, filha de Crises, Hom., *Il.*, I, 143; cfr. Hom., *Il.*, I, 12).

²⁷ Enquanto no contexto essencialmente pacífico da *Odisseia* recorrem os enunciados genealógicos no contexto dos rituais de hospitalidade em que um homem é convidado a apresentar-se entre estranhos que o acolhem, no da *Ilíada*, marcado pelas hostilidades entre os exércitos, é no da invectiva guerreira, no cenário de batalha, que eles tendem a surgir. Em Hom., *Il.*, X, 68-69, Agamémnon recomenda a Menelau que acorde os homens, “chamando por cada homem pela linhagem e pelo nome paterno,/ honrando todos eles”.

²⁸ Mas às vezes também no contexto de discursos directos de personagens que lamentam a sua peculiar sina, fadados desde a nascer para vidas breves (e.g. Hom., *Il.*, XXI, 84 ss, Licáon, morto por Aquiles); o tema ocorre na *Ilíada* sobretudo acerca da figura diegética de Aquiles.

²⁹ E.g. Hom., *Il.*, IV, 474 (sobre Simoésio, filho de Antémion); Hom., *Il.*, VI, 22 ss (sobre Bucólion, filho de Laomedonte); Hom., *Il.*, VIII, 302 ss (sobre Gorgítion, filho de Príamo); Hom., *Il.*, XI, 221-31 (sobre Ifidamante, filho de Antenor); Hom., *Il.*, XIII, 176 ss (acerca de Ímbrio, genro de Príamo); Hom., *Il.*, XIII, 427 (acerca de Alcátoos, genro de Anquises, que criou Eneias); Hom., *Il.*, XV, 333 ss (sobre Medonte e Íaso, filhos de Oileu e Efelos); Hom., *Il.*, XX, 407 ss (sobre Polidoro, o filho mais novo de Príamo).

³⁰ Nesse sentido, repetem-se as taciturnas notações acerca dos filhos que, por morrerem cedo, não restituem aos pais o que com eles gastaram (Hom., *Il.*, IV, 477-478; Hom., *Il.*, XVII, 301-302). Em equivalente contexto semântico recorrem as notações recorrentes sobre os resgates pagos pelos pais para a restituição dos filhos (e.g. Hom., *Il.*, II, 230; Hom., *Il.*, X, 380; Hom., *Il.*, XI, 133). A melancólica previsão da orfandade de um pai idoso a quem o filho e a alegria vão ser arrebatados, afectando a esfera das vivências humanas, não deixa de estender a sua sombra de inusitada dor sobre o coração regularmente leviano dos deuses, a quem os filhos humanos parecem dotar de alguma (indirecta) consciência trágica da mortalidade. O tema assume, de resto, em particular na ambiência trágica da *Ilíada*, peculiar protagonismo através dos pares Tétis/Aquiles e Zeus/Sarpédon.

dotados de peculiares faculdades de adivinhação ou proximidade com os deuses, não foram capazes de antever, ou evitar, a funesta perda dos filhos.³¹

Ainda inscritas no conjunto das referências a crianças trazidas à colação por um exercício de analepse - que transfere discursivamente, por meio da memória, uma sequência temporal do passado para o presente – ocorrem várias alusões ao período da infância de personagens de reconhecido relevo diegético ou mítico.³²

Na *Ilíada*, multiplicam-se alusões à infância de Aquiles, notando ora as peculiares circunstâncias da sua concepção e nascimento (Hom., *Il.*, XX, 127-128; *Il.*, XXIV, 539-40), a ambivalência da sua natureza semidivina (Hom., *Il.*, XX, 127-128)³³ e o influxo da mãe³⁴ no seu carácter (Hom., *Il.*, XVI, 203),³⁵ ora a sua vinculação afectiva às pessoas com quem cresceu; sobressai neste âmbito a notação da sua criação conjunta com Pátroclo, filho de Menécio, obrigado ao exílio por um homicídio involuntário, e carinhosamente acolhido por Peleu (Hom., *Il.*, XXIII, 85 ss), e a da vinculação às figuras do pai Peleu e do tutor Fénix (Hom., *Il.*, IX, 471-495). Não falta também a alusão à sua precocidade guerreira (Hom., *Il.*, IX, 438-445 ss),³⁶ e, nesse especial contexto, a referência à responsabilidade de Pátroclo no disciplinar prudente da sua imaturidade emocional (Hom., *Il.*, XI, 786-

³¹ Dentro do tópico do pai adivinho, sacerdote ou médico, que não consegue evitar a morte dos próprios filhos, recorrem, e.g., os episódios dos dois filhos do sacerdote Dares (Hom., *Il.*, V, 10 ss), dos filhos de Euridamante, intérprete de sonhos (Hom., *Il.*, V, 148 ss); dos filhos do adivinho Mérops de Percote (Hom., *Il.*, XI, 329 ss) e do filho vidente Poliido (Hom., *Il.*, XIII, 663 ss).

³² A par das crianças mortais, recorrem, dentro do mesmo esquema de especularidade essencial, as alusões ao nascimento e infância de deuses, como por exemplo a da primeira geração dos deuses, nascidos de Reia e Cronos (Hom., *Il.*, XV, 185 ss); a de Hera, criada pelos Titãs Oceano e Tétis (Τηθύς) (Hom., *Il.*, XIV, 201 ss; Hom., *Il.*, XIV, 301 ss); a de Tétis (Θέτις), a Nereida, filha de Nereu, criada por Hera, (Hom., *Il.*, XXIV, 58- 59), a de Diónisos, brutalmente perseguido na infância pelo primo mortal Licurgo, e acolhido no colo protector de Tétis (Hom., *Il.*, VI, 132-137), e a do Ciclope Polifemo (Hom., *Od.*, I, 70 ss; *Od.*, IX, 529), por exemplo.

³³ Há vários casos dramáticos de jovens que morrem cedo (e.g. Euquenor, filho do vidente Poliido, em Hom., *Il.*, XIII, 663-670; e o dos dois filhos do adivinho Mérops de Percote, em Hom., *Il.*, XIII, 328-334). Mas Aquiles distingue-se de uns e de outros: enquanto aqueles apenas hesitam entre duas temporizações da morte (mais cedo ou mais tarde), e se calhar não conscientemente, Aquiles faz uma opção consciente entre os dois opostos, a vida e a morte. Ele é, na verdade o único herói que recebe na *Ilíada* o epíteto ὀκῦμοπος, sempre referido discursivamente pela mãe, que é uma deusa e goza por isso de divina omnisciência, e assim a comunica sem sombra de dúvidas ao filho. Aquiles é o único herói, pois, que sabe - tem a certeza - que morrerá em Tróia, e não alberga, como outros, a esperança de sobreviver; ele, na verdade, não arrisca como os outros mortais a vida movido pela esperança de escapar às agruras do combate, sacrifica-a em plena consciência, e voluntariamente, porque essa foi a sua escolha heróica. Esta consciência da morte inevitável, e próxima, e a melancolia trágica com que a encara a própria mãe, imortal e revoltada, parecem tingir de maior tragicidade essa brevidade absurda, porque consciente, da vida.

³⁴ Que a tradição mítica revelava particularmente bravia e contrariada nos laços afectivos.

³⁵ O reparo surge indirectamente transmitido por Aquiles, mas corresponde à censura generalizada dos Mirmidões, que conotavam a sua amarga inflexibilidade com o facto de ter sido criado por Tétis não com leite, mas com fel. Pelo contrário, a *Ilíada* reitera a propósito de outras personagens (e.g., Heitor por Hécuba, Hom., *Il.*, XXII, 79-83; Ulisses e Telémaco por Euricleia, Hom., *Od.*, XIX, 353; I, 435) a vinculação afectiva humana à amamentação materna.

³⁶ Fénix lembra (Hom., *Il.*, IX, 440-443) que o acompanhou, a pedido do pai Peleu, para lhe servir de mestre e tutor, porque o jovem, partindo para o combate νήπιος, ainda criança, nada sabia da guerra funesta e das assembleias. Nove anos depois, com doze (cidades saqueadas Hom., *Il.*, IX, 328), e muitas assembleias frequentadas, ele torna-se o digno representante dos anseios do pai, capaz de grandes discursos e façanhas incedíveis.

789). O tema da extrema juventude de Aquiles, que salta ainda à vista desde o primeiro canto, quando a mãe vem confortar a dor e limpar as lágrimas do filho (e mais tarde irá aos céus interceder por ele), está intimamente associado ao tema geral da vida interrompida cedo,³⁷ e serve uma intenção significativa do poema, que é a de o vincular a um destino excepcional, o do sacrifício prematuro e consciente da vida.³⁸

A infância de Neoptólemo, a que a tradição épica e trágica se encarregaram de ampliar pormenores,³⁹ ocorre em brevíssimas alusões nos dois Poemas Homéricos. A primeira cena, evocada por Aquiles no desabafo diante do cadáver de Pátroclo

³⁷ O epíteto *μυνηθάδιος* (*de curta duração*) que Aquiles se atribui, cheio de mágoa no desabafo que tem com a mãe (Hom., *Il.*, I, 352), prepara o quadro tragicamente melancólico que se esboçará depois no seu desabafo, numa espécie de monólogo ritual, diante do cadáver de Pátroclo, entrevendo, numa tristeza visionária, o luto próximo do próprio pai; Aquiles é assim a única personagem que vê antecipadamente a sua morte, e é capaz de lhe prever as consequências (Hom., *Il.*, XIX, 322-337; Hom., *Il.*, XVIII, 86-90), reforçado pelo testemunho enlutado da mãe, que lhe anuncia, mais uma vez cheia de dor, a extraordinária brevidade da morte que o anulará (Hom., *Il.*, XVIII, 95-96). Também em Hom., *Il.*, XXIV, 540-542, Aquiles compara o invulgar luto do interlocutor Príamo, a quem morreram os mais bravos dos filhos, ao próximo do seu próprio pai, a quem morrerá logo a seguir o único filho, gerado para uma vida breve. Muitos homens morrem cedo na *Ilíada*: o mesmo epíteto *μυνηθάδιος* é atribuído a outros quatro guerreiros: um é preciamente Heitor, de quem o narrador comenta (Hom., *Il.*, XV, 612-613) que foi cumulado por Zeus de excepcional glória e honra por estar destinado a uma vida breve, uma vez que Atena lhe encurtava a vida, usando como agente o Pelida. A semelhança ou simetria entre os heróis passa por esta constatação: também Heitor se aproxima desta consciência da própria morte e das suas consequências, quando, no dramático diálogo com a esposa (Hom., *Il.*, VI, 454-463) evoca a Andrómaca, mais do que a sua morte, os efeitos da queda de Tróia que lhe sobrevirá, formulando o desejo de já não estar vivo para testemunhar o seu desespero. Além de Heitor, mais três guerreiros menores recebem o epíteto, Licáon (Hom., *Il.*, XXI, 84-85); e dois troianos jovens mortos por Ajax, Simoésio, filho de Antémion (Hom., *Il.*, IV, 477-479) e Hipótoo, filho do glorioso Leto (Hom., *Il.*, XVII, 302); o sentido patético da incompletude de uma vida tão breve é sublinhado pela notação de que os jovens nem chegam a ter tempo de compensar os pais por os terem criado...Estes três episódios parecem reflectir-se especularmente no patético lamento com que Tétis desabafa a sua mágoa, não só perante o filho (Hom., *Il.*, I, 417-418; Hom., *Il.*, XVIII, 95), mas também junto dos pares divinos, Zeus (Hom., *Il.*, I, 505), as irmãs Nereidas (Hom., *Il.*, XVIII, 56-60) e Hefesto (Hom., *Il.*, XVIII, 437-441; Hom., *Il.*, XVIII, 458), a quem pede solidariedade.

³⁸ Morrer jovem parece ser em Homero a expressão extrema do facto inaceitável de que os seres humanos são mortais, e que os heróis, ainda que semelhantes aos deuses (como Heitor) ou filhos dos deuses (como Sarpédon e Aquiles) não podem viver para sempre, destino reservado apenas aos deuses. Esse tema, terrivelmente trágico, tem uma incomparável tradução poética na imagem de que as gerações dos homens, como as folhas das árvores (Hom., *Il.*, VI, 146-149), estão destinadas a nascer e a morrer em vagas inexoravelmente sucessivas: a mesma imagem será brevemente retomada por Apolo, quando, para apaziguar Poseidon, lhe diz que nunca combateria um deus por causa dos mortais, tão frágeis e insignificantes como as folhas das árvores, que ora estão cheias de viço, ora alimentam, mortas, a terra onde caem, em Hom., *Il.*, XXI, 463-466).

³⁹ Os poemas épicos mais lidos de toda a Antiguidade contribuíram para a popularização das aventuras do herói, mas outros poetas o elegeram por personagem e detalharam com profusão de pormenores lendários o relato da sua vida, preenchendo as lacunas dos relatos homéricos. Os Poemas do Ciclo Épico, em particular os do Ciclo Troiano, desenvolviam o contexto diegético do mito, oferecendo alguns dos detalhes pré- e pós-iliádicos. Pela análise dos poucos fragmentos dos *Cypria*, da *Aithiopsis*, da *Ilias Parva*, da *Iliou Persis* e dos *Nostoi* (e em menor grau da *Telegonia*, que não reconhece a entidade diegética de Aquiles), dos resumos presentes na *Chrestomathia* de Proclo e do testemunho indirecto dos autores antigos, podemos perceber que o desaparecimento destes poemas não foi uma perda literária de relevo, mas limita o conhecimento acerca do contexto diegético da narrativa tradicional que Homero não recontou. Sabemos que o apelo do herói já se exercia sobre o imaginário grego antes do conhecimento regular e universal da poesia homérica o ter referenciado como paradigma heróico, porque o Ciclo detalha muitas lendas populares (e.g. acerca de Aquiles, da sua infância fabulosa, da sua força e rapidez prodigiosas, da armadura fabricada por Hefestos, dos seus opositores, das suas aventuras sexuais, ocorridas antes e durante a Guerra de Tróia, que ficaram também registados com muita popularidade na pintura de vasos do séc. VI a.C. (como a educação pelo Centauro Quíron).

(Hom., *Il.*, XIX, 326-333), permite-nos aquilatar pelo testemunho em primeira pessoa o desespero do herói, mais profundo do que sentiria à notícia da morte do pai ou do filho que lhe nasceu em Esquiros depois de partir para Tróia, e que nunca esperou rever, por ter suposto que seria um dia Pátroclo a encarregar-se da sua educação. Em Hom., *Il.*, XXIV, 466-467, Hermes aconselha a Príamo que, como estratégia de propiciação perante a inflexibilidade de Aquiles, a sua abordagem como suplicante privilegie a referência emotiva ao pai idoso, à mãe de belas tranças e ao filho. Príamo irá dar sequência ao conselho, abordando apenas, enquanto pai idoso e amaldiçoado por lutos sem fim, a analogia com Peleu (Hom., *Il.*, XXIV, 486-506). A terceira referência ocorre no expressivo diálogo entabulado no Hades entre Ulisses e a sombra do Pelida (Hom., *Od.*, XI, 492-540).⁴⁰

Na sequência da exortação de Aquiles às suas tropas (que regressam ao combate acompanhando Pátroclo, oculto sob a armadura do amigo), o poeta enuncia a identidade dos comandantes das falanges: sobressaem, com referências explícitas ao período da infância, as linhagens de um neto de Peleu, Menéstio, filho de Polidora e do rio Esperqueio (Hom. *Il.*, XVI, 173-178), e de Eudoro, filho de Polimela e Hermes (Hom., *Il.*, XVI, 179-92); não voltando a recorrer na narrativa, nem servindo o dramático tópico do jovem que morre cedo, um e outro parecem servir como figurantes que convocam à memória do auditório, pela sua invulgar genealogia semidivina, a figura do comandante supremo dos Mirmidões.

⁴⁰ Surpreso de ver o antigo companheiro descer vivo ao reino dos mortos, Aquiles interroga-o. Ulisses capta de imediato o azedume do interlocutor, e, a pretexto da sua própria desventura, comenta a incomparável fortuna de Aquiles, honrado como o melhor entre os vivos e os mortos. Amargurado, Aquiles reconhece que não há compensação alguma para a morte, sempre mais odiosa do que a vida, por mais infeliz e inglória que seja. Ulisses atenua o extremismo da resposta, com o subterfúgio de lhe narrar as glórias militares de Neoptólemo, o filho que viria a substituir condignamente no campo de batalha, em Tróia, o pai morto. Aquiles afasta-se, então, regozijando-se da glória heróica do filho. Os dois encontros de Ulisses com Agamémnon e Aquiles oferecem ao poeta o pretexto diegético para valorizar a experiência de Ulisses: enquanto o regresso rápido e infausto de Agamémnon justifica a necessidade de uma prudente aproximação ao lar, o heroísmo bélico de Aquiles aponta por contraste um novo código heróico mais positivo, o da luta pela sobrevivência. De alguma forma o contraponto pessimista de Aquiles serve também uma intenção simbólica do poeta, que perpassa toda a Odisseia, e se encontra personificada no carácter positivo do seu novo protagonista: a de mostrar que é sempre possível alterar para melhor as circunstâncias da vida, mesmo nos momentos mais difíceis, e que esse esforço de sobrevivência torna em quaisquer circunstâncias a vida preferível à morte. É, na verdade, um novo código heróico que se manifesta.

Também Diomedes, detentor, com Eurialo e Esténelo,⁴¹ de uma muito excepcional herança familiar, enquanto descendente de um dos Sete contra Tebas,⁴² evoca a sua própria infância, ao reconhecer, no expressivo episódio do reencontro com Glauco na linha de combate (Hom., *Il.*, VI, 215-231), que apenas conserva uma muito vaga lembrança do pai, morto em Tebas quando ele era muito pequeno. Constantemente confrontado com os feitos de Tideu, que recorrem comparativamente, evocados pelos companheiros (Agamémnon, Hom., *Il.*, IV, 365-400), ou por Atena (Hom., *Il.*, V, 800-813),⁴³ Diomedes compraz-se também a apresentar a sua filiação a partir de Tideu como sinal de identidade genética no contexto das dificuldades mais prementes.⁴⁴

Em equivalente enquadramento narrativo, mas em distintos pontos do cenário da batalha, são confrontados com a imagem da infância Teucro, num apelo de Agamémnon a que honre no campo de batalha o legado que o pai, Telamónio, lhe deu, e o carinho com que o criou, apesar de filho ilegítimo (Hom., *Il.*, VIII, 282 ss), e Eneias, numa interpelação de Deífobo, incentivando-o ao resgate do cadáver de Alcáto, que o criara quando pequeno, e agora acabara de morrer às mãos de Idomeneu (Hom., *Il.*, XIII, 465 ss).

Em Hom., *Il.*, V, 265-266 ss alude-se à infância de Ganimedes, filho de Trós, cujo rapto valeu a invejável dádiva de cavalos divinos; o motivo mítico representa o tema abrangente das violências exercidas sobre o destino das crianças mortais, incapazes de se defenderem sozinhas, e do correlativo sofrimento dos pais impotentes. Em similar

⁴¹ Depois de ter associado no *Catálogo das Naus* (Hom., *Il.*, II, 560 ss) Diomedes, Eurialo e Esténelo, a *Ilíada* insistirá recorrentemente no padrão temático da vinculação dos três guerreiros, que se acompanham muito proximamente, nos discursos e na acção, como detentores de uma herança comum, enquanto Epígonos, os filhos dos Sete primeiros guerreiros que combateram contra Tebas. Quando Diomedes é alvo das censuras provocatórias de Agamémnon (Hom., *Il.*, IV, 365-400) que insistem no tópico retórico da sua inferioridade militar relativamente ao pai, é Esténelo, o filho de Capaneu, que responde agastado (Hom., *Il.*, IV, 404-410), garantindo que a vitória conseguida contra Tebas de Sete Portas com uma hoste bem menor testemunha a superioridade indiscutível dos filhos. E quando Diomedes é ferido pela seta de Pândaro (Hom., *Il.*, V, 100 ss) ou é perseguido num carro por este, acompanhado de Eneias (Hom., *Il.*, V, 239 ss), é Esténelo que acorre a libertá-lo da seta (Hom., *Il.*, V, 110), o socorre (Hom., *Il.*, V, 238 ss), e lhe serve de condutor (Hom., *Il.*, V, 319 ss), ou cede lugar à deusa Atena, que se dispõe a acompanhar o filho dilecto do seu antigo protegido (*Il.*, V, 835). Quando Agamémnon sugere a retirada imediata, Diomedes, indignado, garante que ficará a combater, ele e Esténelo, até se cumprirem as determinações divinas por que vieram a Ílion (Hom., *Il.*, IX, 48). Nos jogos fúnebres de Pátroclo, é Esténelo que acompanha Diomedes na prova de carro (Hom., *Il.*, XXIII, 499 ss) e é Diomedes que se apressa a ajudar Eurialo a preparar-se para defrontar no pugilato um opositor (Hom., *Il.*, XXIII, 676-80).

⁴² As referências à vivência de Tebas ocorrem com frequência nos Poemas Homéricos como memória gloriosa de um tempo heróico passado que perdura na tradição. A tradição mítica reconhecia que os Sete primeiros combatentes contra Tebas foram Polinices, e seus aliados Adrasto e o irmão Mecisteu, Anfiarau, Tideu, Partenopeu e Capaneu; os Epígonos, filhos dos primeiros guerreiros, imporiam depois, numa segunda expedição, a derrota à cidade que os fez órfãos; foram eles Alcméon (filho de Anfiarau, chefe da expedição) e o irmão Anfíloco, Eurialo (filho de Mecisteu), Tersandro (filho de Polinices), Egialeu (filho de Adrasto), Diomedes (filho de Tideu), Prómaco (filho de Partenopeu) e Esténelo (filho de Capaneu).

⁴³ A quem ele, recorrendo também à comparação, reivindica o mesmo apoio inequívoco no passado dispensado ao pai, quando ele marchou para Tebas e esteve entre os Cadmeus (Hom., *Il.*, X, 284-290).

⁴⁴ Como quando, contrariando a proposta de retirada de Ulisses, se prontifica a não abandonar Tróia, honrando um pai nobre, a quem cobre a terra amontoada de Tebas (Hom., *Il.*, XIV, 110-130).

moldura ocorrem outras alusões ao rapto de crianças, como a que vitimou Eumeu (Hom., *Od.*, XV, 412 ss, especialmente 450-453; 465-470), e a sua ama (Hom., *Od.*, XV, 427-429), transformando-os em reféns e escravos de oportunistas.⁴⁵

Na *Odisseia* sobressaem, na moldura das dificuldades vividas em Ítaca, as alusões à infância de Ulisses; com frequência sustentadas em muito breves alusões, que a vinculam a um destino particularmente infeliz por aqueles que o estimam (e.g.. Telémaco, em Hom., *Od.*, III, 95; Hom., *Od.*, IV, 325; Penélope, Hom., *Od.*, XIX, 353-55; os Feaces, Hom., *Od.*, VII, 198) ou como vislumbres de uma interioridade ensombrada de desespero (Hom., *Od.*, XXIII, 325), elas podem ainda ocorrer como recurso poético para justificar o relevo diegético de determinados objectos (como o arco de Ulisses, conquistado numa iniciativa de saque durante a infância, Hom., *Od.*, XXI, 13). A mais relevante das evocações da infância de Ulisses ocorre diegeticamente abordada na digressão da cicatriz (Hom., *Od.*, XIX, 395-466), e privilegia curiosamente o vínculo hereditário da personagem com o avô materno, Autólico, conhecido – e odiado – pela sua índole astuciosa e enganadora. Essa hereditariedade marcante, confirmada, de resto, *a posteriori*, em toda a acção épica (particularmente a documentada na *Odisseia*),⁴⁶ na versatilidade de carácter do herói, emprestará ao episódio de escolha do nome um fundamento simbólico.⁴⁷

Tal como ocorre na *Ilíada*, onde o protagonismo de Aquiles – reiteradamente perspectivado, por meio de incisivos analépticos, a partir da infância – se reflecte na figura do filho Neoptólemo, ainda criança, que há-de honrar a notação profética do nome

⁴⁵ O exemplo de Eumeu oferece ao poeta o pretexto de sublinhar a generosidade de Laertes e Anticleia, que criaram o menino como um filho (Hom., *Od.*, XV, 361-365). O tema dos laços de afecto que permitem tratar como um filho um estranho, recorrentes nos Poemas Homéricos a pretexto das mais variadas personagens, ocorre no contexto do núcleo familiar de Ulisses como uma herança de valores positivos que se transmite de pais para filhos; Ulisses surge, de resto reiteradamente conotado, até na memória dos opositores, com a imagem do rei magnânimo, que tratou o povo como um filho (Hom., *Od.*, II, 47; Hom., *Od.*, II, 234; Hom., *Od.*, V, 12; Hom., *Od.*, XIV, 140; Hom., *Od.*, XIV, 151-53). Esse aspecto fundamentará a justiça da chacina perpetrada contra os pretendentes criminosos.

⁴⁶ Sobre a atitude diferenciada do poeta, passando quase em silêncio, no ambiente aristocrático da *Ilíada*, a herança “autólica” no comportamento do herói, e expondo-a, explícita e intencionalmente, no contexto de hostilidades da *Odisseia*, destituído de códigos de honra ou regras de conduta definidas, *cfr.* a interpretação de Stanford (1954, p. 12-19).

⁴⁷ A abordagem diegética do episódio de individualização pelo nome do recém-nascido sugere a aceitação de um critério arcaico, segundo o qual, na escolha onomástica, se deve preferir uma referência explícita ou a uma característica ou a um acontecimento da vida do pai, da mãe, ou de um antepassado (um avô) da criança. A justificar a idoneidade mimética da designação (a ὀρθότης ὀνόματος), concorre a abordagem etimológica documentada na digressão da cicatriz, em Hom., *Od.*, XIX, 407 ss Constituinte um precioso indício da “atitude metalinguística” do poeta, o episódio associa explicitamente ao participio ὀδυσσάμενος o antropónimo Ulisses, Ὀδυσσεύς, escolhido pelo avô Autólico que chega atribulado a Ítaca para nomear o neto recém-nascido. O nome, imposto pelo avô, assume, pois, na narrativa explicitamente (segundo *Od.*, XIX, 409) a natureza de epónimo: dado em função de uma particularidade biográfica (o carácter e a vivência determinante do avô, que apadrinha e vincula simbolicamente às suas experiências o neófito), e possivelmente associado às raízes de dois verbos conotados, ao longo do poema, com o nome Ὀδυσσεύς (ὀδύρομαι, *sofrer, lamentar-se* e ὀδύσσομαι, *odiar ou ser odiado*), o nome apresenta-se, em simultâneo, como a tributação profética de um peculiar destino, e virá a confirmar-se – no contexto imediato da digressão, através do sinal físico da cicatriz, e no âmbito mais vasto de toda a narrativa épica, pela inextinguível experiência de desventuras protagonizadas pelo herói – como a metáfora de identidade do seu portador, enquanto homem do ódio e da dor.

instaurando segundo a tradição épica a renovação da honra e da missão heróica do pai, também na *Odisseia* o relevo diegético de Ulisses⁴⁸ se projecta na figura do filho Telémaco, que da sua ausência, a combater ao longe, também tirou profeticamente o fundamento onomástico. Provavelmente contaminado pela perspectiva interior do pai,⁴⁹ Telémaco assume no poema o estatuto ambíguo da eterna criança: revelando desde o início da acção dúvidas sobre a sua própria identidade (Hom., *Od.*, I, 214-220), ele reproduz à saciedade o mecanismo de regresso discursivo, e disfórico, ao tempo da infância (e.g. Hom., *Od.*, II, 313; Hom., *Od.*, XVIII, 229; Hom., *Od.*, XIX, 19; Hom., *Od.*, XX, 309-310), tragicamente marcado pela ausência da figura paterna, e faz nele recair todos os próximos (e.g. Hom., *Od.*, XVIII, 216-217; Hom., *Od.*, XVIII, 269; Hom., *Od.*, XIX, 88; Hom., *Od.*, XIX, 530 ss; Hom., *Od.*, XXII, 358). Tendo interiorizado, pois, a notação da orfandade,⁵⁰ que a mundividência épica assumia como profundamente pernicioso para a segurança das crianças, Telémaco terá de se socorrer não só do testemunho dos próximos, que lhe garantam a semelhança com o valor paterno,⁵¹ mas também das disposições protectoras de Atena, validadas superiormente pelo Concílio dos Deuses, para conquistar, na sua própria gesta de amadurecimento, ao encontro do pai, o estatuto de adulto.

O desespero de Penélope, privada de laços de parentesco que possam defendê-la, a ela e ao filho, das ameaças de violência latentes no palácio, justificam que no seu repositório imagético recorram os exemplos míticos de Procne, a filha de Pandáreo, que matou acidentalmente o próprio filho (Hom., *Od.*, XIX, 518 ss), e das filhinhas órfãs de um outro Pandáreo, adoptadas e criadas por Afrodite, e subitamente arrebatadas, já núbeis, pelas Harpias (Hom., *Od.*, XX, 66-78).

Enquanto a referência à infância de Orestes, estrategicamente afastado do palácio paterno (Hom., *Od.*, I, 40), assume na interpretação simbólica da *Odisseia* um papel de relevo,⁵² a muito breve alusão à infância de Nausícaa, criada e amamentada pela escrava

⁴⁸ Notar que, curiosamente, já na *Ilíada*, Ulisses é por mais de uma vez chamado "pai de Telémaco" (Hom., *Il.*, II, 260; Hom., *Il.*, IV, 354); isto significa que a relevância do tema da *Odisseia* já era conhecida no contexto da *Ilíada*, e não é um desenvolvimento posterior.

⁴⁹ Forçado a deixá-lo ainda criança muito pequena em Ítaca (graças à perspicácia de Palamedes, segundo detalhava a tradição narrativa dos Poemas Cíclicos Troianos, e em particular a dos *Cypria*), e com sérias dificuldades em conceber à distância o seu natural crescimento (cfr. Hom., *Od.*, XIII, 360).

⁵⁰ De resto corroborada pelo tópico recorrente, enunciado por várias personagens, da extinção da linhagem (e.g., Hom., *Od.*, I, 222; IV, 741; Hom., *Od.*, XIV, 182).

⁵¹ Cfr. Hom., *Od.*, I, 222; Hom., *Od.*, II, 270-80; Hom., *Od.*, IV, 62-64; Hom., *Od.*, IV, 141; Hom., *Od.*, XIV, 186; Hom., *Od.*, XIX, 86.

⁵² A alusão de Hom., *Od.*, III, 196 já toma por referência a figura do jovem maduro, impelido pelo desejo a regressar a casa. Note-se que Orestes, afastado de casa pela mãe e pelo amante, para evitar a sua consciência do crime perpetrado contra o pai e do dever moral de o vingar, será reiteradamente enunciado, desde o Concílio dos Deuses do Canto I, no efabular poético da *Odisseia* como modelo para Telémaco, criado no palácio na ausência protectora e reguladora do pai, entre inimigos que tentam anular a expectativa de regresso do rei e até destruir-lhe criminosamente a linhagem. O paralelo tem, de resto, como pontos de comparação não só as figuras dos dois filhos, mas também dos respectivos pais,

Eurimedusa (Hom., *Od.*, VII, 12) presta-se a sublinhar a extrema juventude da menina, que acalenta, na sua ingênua expectativa, o sonho de cativar o coração de Ulisses. Já a referência à criação de Melanto por Penélope, com o amor que se dispensa a um filho (Hom., *Od.*, XVIII, 322-323), tal como a da infância de Eurímaco, acarinhado na infância por Ulisses, que lhe prodigalizava colos e carinhos (Hom., *Od.*, XVI, 442 ss) evoca por contraste a perversão da conduta da escrava, consentânea com o clima de violenta criminalidade dos pretendentes. Também a enunciação da genealogia de Anfíno (Hom., *Od.*, XVIII, 126-128), o mais cordato e gentil dos pretendentes, enunciada pelo mendigo (Ulisses) imediatamente antes da melancólica digressão sobre os acasos da fortuna que transtornam as expectativas dos homens, “as mais frágeis das criaturas que a terra alimenta”, parece obedecer a uma peculiar intenção expressiva.

Referências a actantes infantis

Absolutamente excepcional no universo ficcional da épica, centrado na conflitualidade da vida adulta, ocorre a única referência a uma personagem concreta, que no tempo da narrativa assume, enquanto criança, uma função diegética. Trata-se do filho de Heitor e Andrômaca – a quem a família atribuíra o nome Escamândrio, mas a população troiana renomeara com o título honorífico Astíanax, em homenagem às generosas diligências guerreiras do pai, o salvador da cidade (Hom., *Il.*, VI, 401-403). Permitindo-lhe figurar as fragilidades de todas as crianças indefesas, por quem se batem incansavelmente os heróis, o poeta concedeu-lhe um estatuto trágico ímpar. O comovente episódio de encontro, junto das muralhas da cidade, de Heitor – incentivado a deixar por curto espaço de tempo o cenário de guerra, para solicitar às mulheres preces aos deuses – com a esposa Andrômaca, atormentada de ansiedade, e incapaz de se abrigar na tranquilidade do lar enquanto ele sacrifica a vida em combate, oferece a moldura para a sua única aparição (Hom., *Il.*, VI, 369-502). Enquanto a esposa lhe suplica que não se coloque desnecessariamente em risco, porque não concebe a vida sem ele, privada

Agamémnon e Ulisses, das mães e esposas, Clitemnestra e Penélope, e dos opositores, Egisto e os pretendentes, numa rede especular de profundas consequências simbólicas, que emprestam à leitura moralizante da *Odisseia* o seu mais sólido fundamento, a partir das notações semânticas do (de)mérito, (des)amor, e (in)fidelidade. Também aqui pesam, no desenrolar da acção, e nos seus distintos resultados, a distinção essencial que a tradição mítica traçava, nos dois núcleos familiares reiteradamente confrontados, entre a notação da culpa (assumida como herança maldita na família dos Atridas, por acção dos seus ancestrais criminosos e infanticidas, e sem reflexos na estrutura familiar de Ulisses) e da solidão (os Atridas, de famílias numerosas, arrastam-se uns aos outros na desgraça, apesar de terem irmãos para providenciarem auxílio, e Agamémnon será morto dentro do palácio, pela família, às mãos de um só opositor e da esposa infiel e vingativa; Ulisses, de um núcleo familiar reduzido, filho único de um filho único, e pai também de um único filho, terá de pugnar na mais dolorosa solidão, sem apoio familiar de parentes colaterais, contra uma multidão de inimigos, e encontrará apoio no filho, no pai, e na esposa fiel, que não deixam de o aguardar incansavelmente, apesar do desalento).

já de pais, de todos os irmãos, e dos concidadãos da sua Tebas natal, aniquilados às mãos de Aquiles, e receia pelo futuro do filho órfão, Heitor apenas pode argumentar especularmente, que, tendo vivos os pais, muitos dos irmãos e os concidadãos troianos, à sua responsabilidade, por nenhum teme mais do que por ela e pelo filho de tenra idade, se a morte o vencer. Formula então o voto de que o menino possa um dia ser louvado por superar de longe o valor do pai, e por poder prestar à mãe as honras das suas glórias militares inexcedíveis. As lágrimas da criança, aterrada com a proximidade do casco coruscante do pai, aliviam num pequeno anticlímax de riso a mágoa do casal, a pressagiar a desgraça que se avizinha, e que não deixa de se anunciar por sinais. Consciente de que se cumpriram os seus mais profundos receios, Andrómaca virá a lamentar a morte de Heitor, e o futuro sombrio que se abaterá sobre todos, em Tróia, e em particular sobre o menino indefeso (Hom., *Il.*, XXIV, 484-514). A produção poética posterior, sobretudo a trágica, confirmará, com efeito, que foram muito bem fundados os receios de ambos.

Conclusões

Desde que foram conhecidos, a partir do período arcaico, os Poemas Homéricos, primeiros documentos do Ocidente, irradiando de forma incomparável o seu fascínio, assumiram-se como modelo e inspiração para todos os géneros literários, todos os debates filóficos e todas as manifestações de artes. Reconhecidos também como testemunhos históricos de uma primitiva fase civilizacional da Europa, que as recentes abordagens da arqueologia tende a confirmar, eles oferecem também um requintado campo de trabalho à investigação científica. Neste enquadramento pareceu-nos útil procurar visitar o testemunho poético da *Ilíada* e da *Odisseia*, recuperando numa análise circunstanciada das referências presentes a imagem mais antiga que temos do universo da infância.

A análise feita permitiu-nos notar que algumas das notações poéticas, assumindo mero valor de alusões genéricas, transportam para o cenário narrativo a presença referencial das crianças, enquanto representantes de um determinado extracto da sociedade humana, quase sempre definido por contraste com o mundo atribulado dos adultos, e marcado por características, funções e necessidades peculiares. Outras, sustentadas em menções concretas a crianças determinadas, dotadas de um nome e de uma história particular, parecem assumir já na trama mítica dos dois poemas uma específica funcionalidade dramática, que concorre para a peculiar densidade simbólica da narrativa. Os regulares recursos tradicionais a símiles e a títulos patronímicos tende a convocar, no enunciado poético, o tema da vinculação de filhos e pais, recorrentemente articulado sobre as notações complementares da afectividade, da herança, e da emulação.

Assim, a par da preocupação generalizada de pais por filhos e filhos por pais, que se regista como motivo central no universo homérico, sublinha-se a peculiar consciência do legado de valores que a memória dos filhos tributa à acção dos pais – e muitas vezes,⁵³ sobretudo no contexto da batalha, se manifesta em cada nova geração o anseio de honrar, igualando-o ou superando-o, o mérito da anterior.

O divino Aquiles opta pela certeza de que morrerá em Tróia, deixando ao filho que nem chegou a conhecer um património de glória imortal. O bravo Diomedes, que não se coíbe de atacar os próprios deuses, constantemente acicatado pelo excepcional mérito guerreiro do pai Tideu, morto em combate diante das portas de Tebas, usará também sem hesitações esse património de honra que a filiação lhe concedeu como sinal de identidade genética no contexto das dificuldades mais prementes. A conjuntura humana de Heitor, devotado ao seu núcleo familiar mais próximo, e simultaneamente responsável pela defesa da cidade, inspira-lhe a suspeita pungente de não sobreviver às duríssimas agruras do combate, nem poder prestar ao filho pequeno e à esposa a salvação. O astuto Ulisses, coagido a afastar-se da esposa e do filho pequeno por vinte anos, sofrerá com incomparável paciência, até poder, vilipendiado no seu palácio, restituir à família a segurança.

Apesar do desejo de Heitor (Hom., *Il.*, VI, 475 ss), Astíanax não chegará um dia a providenciar à mãe alegrias, nem a ser reconhecido entre os pares como muito melhor do que o pai, que sacrificou a vida em defesa da cidade e da família. Também Telémaco, criado desde a mais tenra infância na dramática ausência do pai, há-de reincidir no padrão patológico da dúvida sobre a sua própria identidade (Hom., *Od.*, I, 214-220), e na necessidade constante do reforço de interlocutores que lhe garantam a semelhança com o valor paterno. Com particular força expressiva nos iluminam estas imagens da fragilidade da infância, ambos símbolos absolutos de famílias desagregadas pela tragédia da guerra.

⁵³ Neste enquadramento, assume particular relevância o vínculo de hospitalidade: fornecendo em contexto ritual um conjunto de oferendas preciosas, que os pais deixam aos filhos (e.g., como as maravilhosas armas imortais de Aquiles, herdadas de Peleu, que as recebeu como prenda dos deuses, em Hom., *Il.*, XVII, 193 ss; o elmo de presas de javali de Meríones, herdado do pai Molo, que o recebeu como presente de hospitalidade de Anfidamante, em Hom., *Il.*, X, 263 ss; ou a couraça de Meges, que o guerreiro trouxera para a guerra e o protege da morte, oferecida um dia ao seu pai Fileu por Eufetes em Éfire, Hom., *Il.*, XV, 527 ss), o seu valor como património transmissível prende-se sobretudo com a rede de alianças permanentes estabelecida, em regime de mutualidade, entre os seus titulares. A esse título, é particularmente notável o episódio do recontro armado de Glauco e Diomedes (Hom., *Il.*, VI, 119-236), com a surpreendente notação de que dois inimigos, um Trácio e um Aqueu, a combaterem pelos respectivos exércitos, podem perceber em combate, ao enunciar as respectivas linhagens, que herdaram dos ancestrais um vínculo de hospitalidade que os irmana perpetuamente.

Referências

Documentação textual

- HOMERO. *Ilíada*. Tradução e Introdução de Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2005.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução, notas e comentários de Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2018.
- HEUBECK, A.; WEST, S. (ed.). *Odissea*. Milano: Fondazione Lorenzo Valla/Arnoldo Mondadori, 1981-1986.
- KIRK, G. S. (ed.). *The Iliad: a commentary*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. v. 6.

Obras de apoio

- BOWRA, C. M. *Tradition and design in the Iliad*. Oxford: Clarendon Press, 1968.
- COOK, A. Visual aspects of the Homeric simile in Indo-European context. *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*, n. 17, p. 39-59, 1984.
- DUNBAR, H. *A complete concordance to the Odyssey of Homer*. Oxford: Clarendon Press, 1880-1983.
- DUNBAR, H. *A complete concordance to the Odyssey of Homer*. Oxford: Clarendon Press, 1880-1962.
- FINLEY, M. *O mundo de Ulisses*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- FOWLER, R. (ed.). *The Cambridge companion to Homer*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- LATACZ, J. *Omero: Il primo poeta dell' Occidente*. Roma: Laterza, 1990.
- LESKY, A. *Geschichte der griechischen Literatur*. München: Francke Verlag, 1958.
- LESKY, A. *História da Literatura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- MORRIS, I.; POWELL, B. B. (ed.). *A New companion to Homer*. Leiden: Brill, 1997.
- MOULTON, C. *Similes in the Homeric Poems*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1977.
- PINTO, A. P. A referência onomástica homérica: o nome de Ulisses na Odisseia. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 15.2, p. 137-174, 2011.
- PINTO, A. P. *Os epítetos homéricos dos deuses maiores*. Contributo para o estudo da técnica de composição épica e da concepção homérica da divindade. Braga: Axioma, 2017.
- PRENDERGAST, G. L. *A complete concordance to the Iliad of Homer*. Germany: Hildesheim, 1875.

- PRENDERGAST, G. L. *A complete concordance to the Iliad of Homer*. New York: G. Olms, 1962.
- PRENDERGAST, G. L. *A complete concordance to the Iliad of Homer*. New York: G. Olms, 1983.
- ROCHA P. M. H. *Estudos de História da Cultura Clássica: cultura grega*. Lisboa: Verbo, 1998. v. 2.
- SCOTT, W. C. *The oral nature of the Homeric Simile*. Leiden: Brill, 1964.
- STANFORD, W. B. The Homeric etymology of the name Odysseus. *Classical Philology*, n. 47/4, p. 209-213, 1952.
- STANFORD, W. B. *The Ulysses theme: a study in the adaptability of a traditional hero*. Oxford: Oxford University Press, 1954-1963.
- TAYLOR, C. *Essays on the Odyssey: selected modern criticism*. Bloomington: Indiana University Press, 1963.

Figura 1 - Despedida



Fonte: Aguarela, Ana Laura Pinto Alves da Silva, 2020.